

Prefácio

Diz-se frequentemente que *“uma boa imagem pode valer mais do que mil palavras”*. A veracidade desta afirmação está bem patente na actividade fascinante que é fotografar o céu. Trata-se de uma genuína atracção que está seguramente ligada ao nosso reconhecimento do belo, à nossa insaciável curiosidade perante o desconhecido e ao valor óbvio que uma imagem pode ter como documento científico.

Esta atracção pode ser sentida tanto pelo simples *“curioso”* como pelo astrónomo (amador) mais bem equipado e experiente. Por exemplo, quem é que perante um magnífico céu estrelado não sentiu já um forte desejo de perpetuar tal momento para mais tarde ou partilhar? Quem é que, observando através de uma pequena luneta astronómica, não pensou em captar numa película fotográfica a beleza dos jogos de luz e de sombra da superfície lunar? Qual o possuidor de um potente telescópio que não gostaria de conseguir ver *“melhor”* os braços espirais de uma tênue galáxia, ou ter a percepção de cor numa dada nebulosa? Quem é que, desejando envolver-se em projectos mais *“avançados”* não sentiu necessidade de produzir documentos capazes de demonstrar inequivocamente um pormenor na atmosfera de um planeta, a posição precisa de um asteróide, ou a presença e as características de uma *supernova* numa galáxia distante?

Genericamente, fotografar o céu utilizando longas exposições que acumulam a luz proveniente de ténues objectos celestes permite-nos aceder ao *“invisível”* e ver de uma maneira completamente diferente o que conseguimos observar à vista desarmada ou através de um dado binóculo ou telescópio. Por outro lado, tal como no nosso dia-a-dia associamos fotografia à obtenção de *“instantâneos”* da realidade, a utilização de curtas poses em astrofotografia permite minimizar a turbulência atmosférica e capturar uma infinidade de pormenores no Sol, na superfície lunar ou nos planetas. Em ambos os casos, a utilização de filtros aumenta habitualmente a especificidade e a utilidade dos resultados, o mesmo sucedendo quando se faz algo de muito simples—anotar cuidadosamente as condições de obtenção das imagens.

Seja arte, prazer, ou documento científico, é bom não esquecer que uma astrofotografia é também um instrumento formativo. A sua eficácia pode aumentar dramaticamente se várias imagens, obtidas a intervalos apropriados, forem combinadas de modo a originar uma animação. Ensinar o que é o movimento aparente da esfera celeste, o verdadeiro significado da palavra *“planeta”*, a natureza e periodicidade das fases da Lua ou a razão de ser dos eclipses são apenas alguns exemplos, e o limite está de facto na nossa imaginação.

Fotografar o céu é actualmente uma tarefa fácil, devido à grande variedade de instrumentos que, a preços razoáveis, permitem muito bons resultados. Uma simples câmara fotográfica manual, uma vulgar câmara de vídeo ou uma *“webcam”* pouco dispendiosa possibilitam a obtenção de excelentes fotografias do céu, mesmo sem estarem ligadas a telescópios. Vivemos presentemente uma época em já se vulgarizou a fotografia *“digital”* e onde, paralelamente, se redescobre a utilidade da fotografia convencional ou *“argêntica”*.

Infelizmente, há também uma faceta bastante negativa do *“progresso”*. A má utilização dos recursos que a nossa civilização proporciona tem vindo progressivamente a degradar o verdadeiro *“património da humanidade”* que é o céu nocturno. Estou obviamente a falar da poluição luminosa, algo que só não vê quem não quer, e cuja expansão tem muito pouco a ver com a segurança ou o conforto das populações. Algumas variantes de astrofotografia só são actualmente possíveis a partir de locais remotos e, se quisermos ser pessimistas, talvez a Via Láctea se transforme a breve prazo numa *“realidade virtual”* apresentada às crianças a partir de planetários ou *software* especializado.

Embora seja verdade que *“uma boa imagem pode valer mais do que mil palavras”*, a voz da razão diz-nos também que *“para aprender sobre um assunto, nada como começar por ler um bom livro”*. Neste contexto, foi com imensa satisfação que aceitei o convite para prefaciar a obra *“Fotografar o Céu”*. Trata-se de um livro de grande qualidade e beleza, reflexo da vasta experiência acumulada pelo seu autor, Pedro Ré, durante os muitos anos em que tem vindo a cultivar a excelência nesta área da astronomia amadora. Ao longo dos diversos capítulos o leitor, mesmo se inexperiente ou possuidor de modesto equipamento, é guiado de modo a levar a bom porto a tarefa de fotografar uma grande variedade de objectos celestes. O livro ensina com clareza a evitar ou a corrigir os erros que, frequentemente, se traduzem em insucessos desnecessários e na eventual desmotivação dos que se pretendem iniciar na astrofotografia.

Além de informativo e formativo, *“Fotografar o Céu”* é também um livro muito estimulante, pois o estilo do texto e a grande diversidade e qualidade dos exemplos apresentados incitam o leitor a *“atrever-se”* a experimentar as mais variadas facetas da fotografia astronómica convencional e digital, assim como a adaptá-las ao seu equipamento, local de observação ou interesses particulares. Considero pois esta obra essencial para os que, como eu, reconhecem beleza e utilidade em documentar, sob a forma de imagens, objectos ou eventos celestes. O livro justifica-se plenamente pela sua belíssima iconografia, mesmo para os chamados *“astrónomos de sofá”*, assim como para os amadores até agora apenas cativados pela vertente também gratificante das observações astronómicas visuais.

Oeiras, 24 de Junho de 2002

António J. Cidadão, MD, Ph.D

Professor auxiliar da Faculdade de Medicina de Lisboa, observador planetário e astrofotógrafo, membro da *Associação Portuguesa de Astrónomos Amadores (APAA)*, da *Association of Lunar and Planetary Observers (ALPO)* e da *British Astronomical Association (BAA)*